

## A Sagrada Escritura



## A Sagrada Escritura

VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA  
CONSOLAÇÃO DO BRASIL

agostinianos.com

No primeiro encontro de Agostinho com a Bíblia ele se sentiu decepcionado pelo estilo pouco brilhante que o texto possuía (cf. Confissões 3,5,9). Em sua própria experiência, Agostinho aprendeu que é necessário se aproximar da Escritura com humildade, submissão e paciência: *“Vos falo eu que, enganado em outra época, sendo ainda juvenzinho, queria me aproximar das divinas Escrituras com a ânsia de discutir, antes que com o afã de buscar. Eu mesmo fechava contra mim a porta de meu Senhor com meus costumes perversos: devendo chamar para que se me abrisse, empurrava a porta para que se fechasse. Atrevia-me a buscar, repleto de orgulho, o que só se pode encontrar a partir da humildade”* (Sermão 51,6).

Buscar de modo adequado se transforma em um abrir o coração para acolher com sinceridade o que nos é dito na Escritura com humildade. No fundo Agostinho se sentia impossibilitado por seu orgulho de se aproximar de forma conveniente da Escritura e do mistério que encerra. O encontro com as cartas do Apóstolo Paulo as vésperas de sua conversão, é um encontro de luz que ajuda a resolver o problema do ceticismo e do naturismo (cf. Confissões 7,21,27). Depois da graça da conversão, a Escritura foi para

Agostinho o alimento, o pão cotidiano: “ *Que exclamações elevai até Vós, meu Deus, ao ler os salmos de Davi, esses cânticos de fé, esses hinos ... Eu, inexperiente no vosso verdadeiro amor e ainda catecúmeno, gastava o tempo naquela casa de campo com o catecúmeno Alípio. (...) Quantas exclamações proferia na leitura desses salmos e como inflamava com eles, no vosso amor, desejando ardentemente recitá-los a toda a terra, se me fosse possível, para rebater o orgulho do gênero humano*” (Confissões 9,4,8).

Agostinho considera a Bíblia como a expressão imediata da vontade e da inteligência de Deus. A Escritura não é um livro de história, e sim uma oferta divina que é proporcionada ao homem de fé para revelar-lhe o que Deus lhe pede em cada momento e o que é que tem de fazer para agradá-lo. É a carta que Deus escreveu aos homens: “*Daquela cidade, de onde estamos ausentes como peregrinos, chegaram-nos cartas. São as Escrituras, que nos exortam a viver bem*” (Comentários aos salmos 90,2,1). O que faz ao enviar suas cartas é fazer crescer em nós o desejo da pátria, de voltar ao nosso autêntico lar.

A Bíblia é, portanto, humana e divina tanto por sua origem como por seu conteúdo: “*É um homem que fala de Deus, Deus o inspira, é verdade, mas não deixava de ser um homem. A inspiração o fez dizer algo. Sem ela teria emudecido inteiramente. Porque um homem recebeu a*

*inspiração, não disse tudo o que o mistério é, mas o homem pode dizer*” (Tratado sobre o Evangelho de São João 1,1).

Ler a Escritura é entrar no próprio coração de Jesus Cristo que nos deixou por escrito o que temos de fazer para que nossa vida seja grata a Deus. Agostinho fez da Escritura o alimento de sua vida cotidiana, e foi capaz de distribuí-la também como pão ao seu povo.

A Escritura é a narração, pela própria boca de Deus, de seu próprio mistério. A Palavra de Deus não é um meio para chegar a uma determinada conclusão e sim pão que alimenta, regeneram as forças e cura as feridas produzidas por um mal-estar ou uma diferença de critérios. É preciso chegar a ser familiares da Palavra de Deus, porque a ignorância da Escritura é a ignorância de Cristo. Ela nos ajuda a viver a verdade da própria vida, na verdade de Deus, do modo mais autêntico possível. A Escritura é o mundo de Deus, o mundo das realidades verdadeiras, o mundo das coordenadas que nos ajuda a entender nossa vida.



**Bibliografia:**

Cf. SIERRA Rubio, Santiago, OSA. **A Bíblia: O Manjar de Deus**. Col. Cadernos de Espiritualidade Agostiniana (7), FABRA. São Paulo, 2003.

**Coordenador de estudos:** Alexsandro Antonio de Moura